

ÉPICO IMPÉRIO: A QUESTÃO DOS TEMPOS HISTÓRICOS EM CARAMURU¹

Resumo: O objetivo deste texto é analisar o poema épico *Caramuru*, publicado em 1781 por Santa Rita Durão, tendo como problema central a relação estabelecida no poema com os tempos históricos. Aqui, propomos a análise do contexto em que foi escrito; o uso feito da história e dos exemplos do mundo antigo; e por fim a relação entre passado e futuro, bem como a simultaneidade de tempos a que se refere.

Palavras-chave: História literária; Santa Rita Durão; História Social do Tempo.

ÉPIQUE EMPIRE : LA QUESTION DES TEMPS HISTORIQUES EN CARAMURU

Résumé : L'objectif de ce texte est d'analyser le poème épique *Caramuru*, publié en 1781, par Santa Rita Durão, en ayant comme problème central la relation établie dans le poème avec les temps historiques. Ici, nous proposons l'analyse du contexte qu'il a été écrit ; l'usage de l'histoire et des exemples du monde ancien ; et la relation entre le passé et le futur, ainsi que la simultanéité de temps qu'il fait référence.

Mots-clés : Histoire littéraire ; Santa Rita Durão; Histoire Sociale du Temps.

¹ João Gabriel Covolan Silva (<http://lattes.cnpq.br/9361340844170387>) é graduando pela USP

Artigo recebido em 19/03/2018 e aprovado em 23/07/2018

O Brasil, Sire, infunde-me a confiança
Que ali renasça o português império,
Que estendendo-se ao Cabo da Esperança,
Tem descoberto ao mundo outro
[hemisfério:
Tempo virá, se o vaticínio o alcança,
Que o cadente esplendor do nome
[hespério
O século, em que está, recobre de ouro,
E lhe cinja o Brasil mais nobre louro².

A obra *Caramuru: Poema Épico do Descobrimento da Bahia*, foi passível durante longo tempo de interpretações que a tomaram como poema verdadeiramente nacional – isto é, *brasileiro*. Dentro dessa perspectiva, o escrito de Santa Rita Durão era precursor e até mesmo, de acordo com alguns, fundador de tendências literárias que então se preconizavam no Romantismo brasileiro do século XIX: a exaltação dos nativos, das cores locais, e a valorização da pátria³. O problema que apresentamos, por meio de uma análise temporal do poema, é mostrar como *Caramuru*, insere-se em uma outra lógica contrária à do Brasil independente, (com suas instituições de caráter nacional em um período marcado pela formação do Estado) e da Nação, no entanto, é caracterizado dentro da amplitude do Império português no fim do século XVIII.

O poema épico busca aludir ao Brasil enquanto parte essencial do Império, em um período marcado pelo pensamento de unidade acerca da colônia, com sua diferenciação em relação às outras partes do mundo lusitano: nele, o que se pretende exaltar são os valores

² *Caramuru*, verso XI, canto VII. DURÃO, Santa Rita. *Caramuru: Poema épico do descobrimento da Bahia*. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.210.

³ SOUZA, Antonio Candido de Mello e. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000, p.153.

americanos e salientar a importância do Brasil para o destino imperial. Para atingirmos nosso propósito, abordaremos os seguintes aspectos temporais presentes no poema: 1) a conjuntura na qual se insere; 2) o uso que é feito da História e a recorrência aos exemplos advindos do mundo antigo; 3) as relações entre *passado* e *futuro* ao longo da narrativa, bem como a simultaneidade de tempos históricos a que se refere.

Publicado em Lisboa em 1781, *Caramuru* é uma obra essencial da *literatura brasileira*, de acordo com as gerações posteriores – principalmente a do Romantismo –, como afirmamos acima. Se publicado em 1781, não podemos tomá-la como obra inaugural da literatura brasileira de fato⁴. Antonio Candido frisa a importância de termos o cuidado de analisar o destino que determinada (s) obra (s) tem no tempo. A função social de uma obra é dependente da estrutura literária em que se coloca e os valores normativos das letras em sua época. Lida em um contexto distinto daquele que a originou, a obra se torna passível de interpretações próprias da posteridade⁵. Para fazermos um estudo de *Caramuru* dentro de suas próprias temporalidades, devemos analisar seu contexto de produção e redação, considerando as determinações e condicionamentos materiais e institucionais de sua época, as categorias retóricas, éticas, jurídicas, teológicas e políticas que definem e articulam o campo geral da cultura de sua época, bem como

⁴ Posto compartilhado, em muitos casos, com *O Uruguai*, de Basílio da Gama. Em sua *História Literária*, de 1826, Ferdinand Denis afirma que o grande exemplo de “literatura nacional” brasileira era *Caramuru*. O também francês François Eugène Garay de Monglave aponta na mesma direção. Já em relação aos brasileiros, Araújo Porto-Alegre, Joaquim Norberto, Pereira de Silva, Santiago Nunes, Fernandes Pinheiro, José de Alencar e Álvares de Azevedo definiram *Caramuru* como a “encarnação do espírito particularista e nacional”, como afirma Antonio Cândido. SOUZA, Antonio Candido de Mello e. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000, pp.170-171.

⁵ SOUZA, Antonio Candido de Mello e. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000, pp.153-157.

a correlação entre o presente e o passado na obra⁶. Contudo, neste artigo, nos centraremos na análise dos aspectos temporais do poema, como ressaltamos acima.

*

No círculo letrado luso-americano da segunda metade do século XVIII, a *literatura* carregava a função de transmissora de aspectos e tradições da nação portuguesa, num caráter geral. Em relação ao mundo americano especificamente, os autores buscavam representar, por meio de suas obras, o conjunto de valores, formas de pensar e as paisagens típicas do mundo colonial. Tendiam estes autores a representar coletivamente seu universo particular aludindo a uma matriz que, de acordo com João Paulo Pimenta, não se encerra nela, pois seus agentes são portadores da nacionalidade portuguesa. É dentro dessa ampla identidade que se articulam outras, de caráter regional, local e eventualmente étnicas⁷. Não é de se estranhar, portanto, que a produção literária encontra forte vinculação à estrutura social da colônia. Levar a literatura em consideração abandonando os aspectos sociais que geraram sua confecção seria erro crasso: daí notarmos que os escritores são originários das classes mais abastadas da colônia e, nos quadros mais amplos, do império. Nosso autor, por exemplo, é natural de Cata Preta, arraial da antiga freguesia do Inficionado, nas Minas Gerais. Quando criança, estuda com os jesuítas no Rio de Janeiro, mas ainda jovem embarca para a metrópole, onde completa os estudos de Direito e Teologia. Torna-se agostiniano, mas diante de conflitos no meio

⁶ HANSEN, João Adolfo. "Para uma história dos conceitos das letras coloniais luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII". In: JÚNIOR, João Feres; JASMIN, Marcelo. *História dos Conceitos: diálogos transatlânticos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Loyola: IUPERJ, 2007, p.253.

⁷ PIMENTA, João Paulo. "Literatura e condição colonial na América portuguesa (século XVIII)". In: FRAGOSO, João e GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *O Brasil Colonial – 1720-1821 (vol.3)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014, p.600.

eclesiástico acaba fugindo para a Itália, retornando para Portugal após a queda de Pombal⁸. Igual a ele, outros autores da época também frequentavam círculos privilegiados de leitura e, eventualmente, produção literária, sendo possuidores do domínio erudito da sabedoria e da retórica, cujas formas de pensar e representar o mundo se vinculam ao período Renascentista, onde a fonte primordial do saber estava na Antiguidade Clássica⁹.

A sociedade luso-americana passa no século XVIII por um processo de complexificação social: a descoberta de grandes quantidades de ouro no fim do XVII, fruto do expansionismo dos colonos pelo espaço americano, leva a uma integração entre as partes que compõe a América portuguesa. Não que se forme um conjunto plenamente integrado, com suas fronteiras delineadas da maneira como conhecemos e concebemos o território brasileiro na atualidade – e como

⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial*. São Paulo: Editora Nova Perspectiva, 1959, p.159; e também BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 50ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2015, p.71. Bosi afirma ainda que, após seu retorno, Durão assumiu uma cátedra em Teologia mas teve como sua principal atividade a redação de *Caramuru* e, além de ressaltar a “sua extrema fidelidade aos módulos clássicos”, classifica Santa Durão como um *passadista renitente*.

⁹ PIMENTA, João Paulo. “Literatura e condição colonial na América portuguesa (século XVIII)”. In. FRAGOSO, João e GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *O Brasil Colonial – 1720-1821 (vol.3)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014, p.595. O conceito de Literatura para os contemporâneos era, de maneira sintética, o domínio desse conhecimento erudito e da retórica, englobando em si manifestações que hoje vão além da narrativa de ficção e da poesia: abarcava também textos filosóficos, históricos e científicos, de acordo com João Paulo Pimenta. “Literatura e condição colonial na América portuguesa (século XVIII)”. In. FRAGOSO, João e GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *O Brasil Colonial – 1720-1821 (vol.3)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014, p.595-96. Ainda em 1836, os intelectuais brasileiros, dentre os quais Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto-Alegre e Francisco de Sales Torres Homem, que se encontravam na França e organizaram a Revista *Nitheroy* definem literatura da seguinte maneira: “a literatura é hoje a reunião de tudo o que a imaginação exprime pela linguagem, abraçando todo o império, em que exerce a inteligência humana seu poderio; é o resumo dos hábitos e grandezas dos povos, e a história progressiva e circunstanciada do espírito humano com as suas superstições, crenças, e caráter próprio; é a apreciação da influência dos elementos uns sobre os outros no espírito das diferentes épocas, é a *Philosophia*, a *Historia*, a *eloquência*, a *Poesia*”. In. *Nitheroy: Revista Brasiliense de Sciencias, Letras e Artes*. Tomo Primeiro. Paris: Dauvin et Fontaine Libraires, 1836, p.408.

se conheceria ao longo do século XIX, após a Independência e formação do Estado e da Nação – mas como unidade histórica pertencente à metrópole portuguesa. Essa vinculação entre diferentes partes e o crescimento demográfico, comercial, e de “atlantização” de regiões que outrora se encontravam circunscritas à sua órbita, como é o caso de São Paulo e das Minas, leva a uma incipiente mobilização social dos colonos. Começa a se estruturar uma sociedade *americana*, regida por padrões de sociabilidade, contudo, dentro do universo mais amplo do Império português e, como aludido anteriormente, onde as identidades que surgem são de caráter regional, local, mas sempre portuguesa¹⁰.

Não sendo conveniente separar a obra e o público a que se dirige em seu momento de produção, em nossa análise ressalta-se que *Caramuru* manifesta uma parcela do arsenal comum da civilização de seu autor pelos temas e formas que a obra adquire, na medida em que ambos se moldam de acordo com o público que se visa atingir¹¹: Santa Rita Durão é um português nascido na América, residente na metrópole,

¹⁰ Para tanto, Fernando Novais, de modo geral, nos oferece a síntese da *raison d'être* do Brasil, enquanto colônia de Portugal, entre os séculos XVI-XIX: “Parte integrante do império ultramarino português, o Brasil-colônia refletiu, em todo o largo período da sua formação colonial, os problemas e os mecanismos de conjunto que agitaram a política imperial lusitana”. Dentro da ampla competição entre os Estados modernos europeus em busca de colônias no Atlântico e no Índico, os processos políticos ocorridos no Brasil devem ser entendidos e inseridos neste quadro amplo, o da colonização portuguesa e, ainda, no lugar que este império ocupa no “sistema geral de colonização europeia moderna”. A organização da vida econômica e social do Brasil, nestes séculos, se dá nestes parâmetros. NOVAIS, Fernando A. “O Brasil nos quadros do Antigo Sistema Colonial”. In: *Aproximações: estudos de História e Historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p.45.

¹¹ “Público” que de acordo com João Adolfo Hansen era, na época, heterogêneo e hierarquizado, conforme a estrutura social da América portuguesa. HANSEN, João Adolfo. “Autoria, obra e público na poesia colonial luso-brasileira atribuída a Gregório de Matos e Guerra”. In: *Ellipsis. Journal of the American Portuguese Association*. Vol. 12, 2014, p.100.

mas cuja pena volta-se à sua pátria¹², em um período em que se intentava reforçar as bases de sustentação do Antigo Regime em Portugal, e onde a América era valorizada como parte fundamental para sua eficácia e tida em sua diversidade, dentro do âmbito da monarquia portuguesa¹³.

Isso nos dá elementos para situar *Caramuru* dentro de seu contexto de produção, bem como apontar aspectos próprios da obra e de Santa Rita Durão entre os poetas luso americanos do período. A exaltação de valores prioritariamente americanos, compartilhada com Basílio da Gama, Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga e outros, diferencia-se quando vemos que o primeiro adota uma posição anti-jesuítica, diferentemente de Durão,¹⁴ e o segundo apresenta elementos de contestação, contendo uma forte identidade com o “país das minas” e uma crítica à administração colonial na região mineira, assim como Tomás Antonio Gonzaga¹⁵. Em Santa Rita Durão, não são visíveis críticas

¹² “Pátria”, de acordo com o significado da época, se associava com o lugar e/ou comunidade de origem, referente ao solo em que se nasce. PAMPLONA, Marco A. “Pátria-Brasil”. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier; LOMNÉ, Georges (org.). *Diccionario Político y Social del Mundo Iberoamericano - Iberconceptos II*. 1ª edição. Madrid: Universidad del País Vasco; Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2014, pp.51-52.

¹³ SLEMIAN, Andrea. “Portugal, o Brasil e os Brasis: a diversidade dos territórios e as disputas pela soberania na construção de um novo Império monárquico na América”. In: *Claves, Revista de Historia*. Nº1, pp.91-120. Montevideo, diciembre 2015, p.100.

¹⁴ Embora não faça parte de nossos intentos analisar a defesa feita por Santa Rita Durão em *Caramuru* das missões jesuíticas e a contestação à sua expulsão, deixamos um trecho em que fica clara a posição do nosso poeta: Pudera com as forças, que aqui manda,/ Com pouca utilidade, ou mais que fora,/ Domar o roxo mar por toda a banda,/ E o reino todo possuir da aurora./ Mas a piedade faz, com que comanda,/ Que antepondo o Brasil a tudo agora,/ Mostre aos homens que o impulso que / [o domina/ É propagar no mundo a fé divina. Verso LXIII, canto X. DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*: Poema épico do descobrimento da Bahia. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000, pp.315-316.

¹⁵ Em alusão ao que nos referimos, podemos usar as próprias palavras dos poetas: para Tomás Antonio Gonzaga, em suas *Cartas Chilenas*, “Os zelosos juizes punir querem/ A injúria da justiça: formam autos/ Procedem às devassas, pronunciam,/ E mandam que estes nomes se descrevam nos róis dos mais culpados”; este trecho, pertencente à 9ª

a aspectos da colonização portuguesa: ao contrário, há um coeficiente temporal de suma importância, onde a projeção do império volta-se ao uso do *passado* para que Portugal volte a ter sua eminência como potência ultramarina, sem contestar o padrão de colonização português. Contudo, como caráter geral da produção literária da época, vemos também que em muitos quesitos *Caramuru* pode ser aproximado de outros poemas em que aparece na pena do autor uma contestação à administração colonial, principalmente no plano temporal e em relação à uma ênfase maior que se dá ao espaço americano. Vejamos o caso da lira XXXVIII, de *Marília de Dirceu*, de Tomás Antonio Gonzaga:

Qual é o povo, dize,
Que comigo concorre no atentado?
Americano Povo?
O povo mais fiel e mais honrado:
Tira as praças das mãos do injusto dono,
Ele mesmo as submete
De novo à sujeição do Luso Trono!
Eu vejo nas histórias
Rendido Pernambuco aos Holandeses;
Eu vejo saqueada
Esta ilustre Cidade dos Franceses;
Lá se derrama o sangue Brasileiro;
Aqui não basta, supre Das roubadas famílias o dinheiro.

E mais a frente:

Acabou-se, tirana,
A honra, o zelo deste Luso Povo?
Não é aquele mesmo,

carta, contesta a administração de Luís da Cunha Meneses. GONZAGA, Tomás Antonio. *Cartas Chilenas*. [1ª edição de 1863]. Belém: Unama, s/d, p.60. No tocante à Cláudio Manoel da Costa, atentemo-nos aos seguintes versos: Destes penhascos fez a natureza/ O berço, em que nasci: Oh! Quem cuidara/ Que entre penhas tão duras se criara/ Uma alma terna, um peito sem dureza! E mais adiante: Vós, que ostentais a condição mais dura,/ Temei, penhas, temei; que Amor tirano,/ Onde há mais resistência, mais se apura. COSTA, Cláudio Manoel da. *Apud* Pimenta, João Paulo. "Literatura e condição colonial na América portuguesa (século XVIII)". In. FRAGOSO, João e GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *O Brasil Colonial – 1720-1821 (vol.3)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014, p.624.

Que estas ações obrou? É outro novo?
E pode haver direito, que te mova
A supor-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova¹⁶?

Relacionando este trecho diretamente com a obra de Santa Rita Durão, constatamos a presença de um coeficiente temporal transitório: o fato de que o verso acima termina com um ponto de interrogação é curioso, já que Tomás Antonio Gonzaga nos mostra que não se sabe o que acontecerá no futuro. Ao questionar sua amada Marília sobre o fim da honra do povo lusitano, notamos o nítido caráter de dúvida acerca do que de fato está reservado aos tempos vindouros. Em Durão, muitos são os versos em que este mesmo tipo de dúvida acerca do futuro do império português aparece, justamente pelo caráter transitório de seu tempo apresentar o futuro como aberto. Além do verso introdutório desta análise, atentemo-nos ao trecho seguinte:

Nem podereis temer que ao santo intento
Não se nutram heróis no luso povo,
Que o antigo Portugal vos apresento
No Brasil renascido, como em novo.
Vereis do domador do índico assento
Nas guerras do Brasil alto renovo,
E que os seguem nas bélicas ideias
Os Vieiras, Barretos e Correias¹⁷.

Conjugado à presença desse futuro em aberto e a referência ao passado, percebe-se que o *Brasil* usufrui caráter central na narrativa. Notemos que o contexto em que se insere se torna intrínseco à compreensão da escrita deste autor (poderíamos, é claro, falar destes autores) do final do século XVIII. No caso de Cláudio Manoel da Costa,

¹⁶ Grifos nossos. GONZAGA, Tomás Antonio. *Marília de Dirceu*. [1ª edição de 1792]. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008, p.123-124.

¹⁷ Este é o verso VII, do primeiro canto de *Caramuru*. DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*: Poema épico do descobrimento da Bahia. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.13. Os grifos são nossos.

Sérgio Alcides afirma que a inserção de sua produção poética, que destoa dos poemas pastoris de origem europeia, pautados na amenidade local e a inquietação presente no espírito do autor e de sua escrita, *Que entre penhas tão duras se criara/ Uma alma terna, um peito sem dureza!*, fazem parte de suas próprias condições históricas; deve-se atentar à “sensibilidade [do poeta] capaz de captá-las e ordená-las [suas próprias condições históricas]”¹⁸ para se compreender o contexto em que a obra foi confeccionada pelo autor. Este mesmo cuidado na análise de Alcides sobre Cláudio Manoel deve ser tomado por nós para analisar Santa Rita Durão.

Assim, podemos situar *Caramuru* a partir de suas especificidades. Diferentemente dos outros poetas que se encontram no panteão dos literatos luso americanos do final do XVIII, Santa Rita Durão faz uma ampla defesa do “exército inaciano”, que empreende a “bárbara conquista”¹⁹; também apresenta um culto passadista que destoa de seus contemporâneos, preocupando-se muito mais com uma defesa do passado jesuítico e colonial²⁰ e em polêmica com a Ilustração. Porém, aqui, a preocupação central não é na análise da obra e de seu autor de modo estrito, mas em sua relação com o tempo. Exposições como esta tem apenas o caráter de explicitar nosso propósito sem deixar de aludir

¹⁸ ALCIDES, Sérgio. *Estes Penhascos: Cláudio Manoel da Costa e a paisagem das Minas, 1753-1773*. São Paulo: Hucitec, 2003, pp. 14-16.

¹⁹ *Caramuru*, verso LIII, canto X. DURÃO, Santa Rita. *Caramuru: Poema épico do descobrimento da Bahia*. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.312.

²⁰ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 50ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2015, p.71. Um outro aspecto de grande importância é o lugar ocupado na sociedade pelo poeta. Os padrões de interação da sociedade que é parte integrante e seus núcleos constituintes – os quais exercem influência, como se nosso poeta é membro do clero, burguês, parte do aparato político-administrativo ou cortesão – refletem o modo de ver e interpretar a realidade social e o tempo em que se insere. Parte dessa reflexão tem como ponto de partida o livro de Sérgio Alcides. ALCIDES, Sérgio. *Estes Penhascos: Cláudio Manoel da Costa e a paisagem das Minas, 1753-1773*. São Paulo: Hucitec, 2003, cap.1, “O jogo do gosto”.

a sua inserção no universo letrado de seu momento: valorização dos aspectos e paisagens *americanos*, com uma preocupação em situar o papel do Brasil para o futuro do império português; o uso de exemplos oriundos do mundo antigo e um futuro que é aberto, ou seja, apresenta uma *perspectiva* aberta, podendo ser vislumbrado²¹.

Após termos esboçado a conjuntura na qual se insere *Caramuru*, bem como seu lugar no panorama da *literatura* de fins do século XVIII, abordaremos a relação entre *passado* e *futuro* na obra, em conjunto com o uso de exemplos oriundos do mundo antigo, para explicarmos a perspectiva temporal presente no poema.

*

Sérgio Alcides afirma que até a eclosão do Romantismo “o acervo clássico de *topoi* da Antiguidade constituiu para os letrados fonte inesgotável de instrumentos para a representação e, também, a compreensão da existência no fluxo universal da vida”²². Essa herança de lugares-comuns era um demorado presente que assolava o espírito e a memória de sucessivas gerações; podemos afirmar que até o surgimento da modernidade²³, rompendo com essa temporalidade, o uso de exemplos oriundos da Antiguidade fora, para a literatura ocidental, fundamental para sua produção, já que condizia não só com

²¹ PIMENTA, João Paulo. “Pasado y futuro en la construcción de una 'Historia de Brasil' en el siglo XVIII”. *Processos: Revista Ecuatoriana de Historia*. Quito: 1º semestre de 2013, p.92.

²² ALCIDES, Sérgio. *Estes Penhascos*: Cláudio Manoel da Costa e a paisagem das Minas, 1753-1773. São Paulo: Hucitec, 2003, p.127.

²³ Para o historiador alemão Reinhart Koselleck, o surgimento da *Modernidade* se inicia na segunda metade do século XVIII. Dentro da vasta gama de exemplos que o autor nos dá – em sua maioria oriundos do universo letrado de língua alemã – configura-se uma mudança na maneira como se concebe não apenas o tempo, mas também a História. Surge então o moderno conceito de História – no alemão, *Geschichte* – responsável por traduzir uma realidade social desta época e por condensar, em si, “as histórias”, isto é, as narrativas e eventos históricos dentro de um “coletivo singular”.

a experiência individual do escritor, mas também com a experiência coletiva dos literatos de então.

Essa perspectiva temporal responsável pela presença de um *demorado presente* na experiência coletiva das sociedades ocidentais até o final do XVIII fora herdada, de acordo com Reinhart Koselleck, pela maneira como os indivíduos concebiam o tempo. Passado, presente e futuro formavam uma espécie de *Continuum*, tendo o passado – e seu estudo, isto é, o estudo da história – a função de remeter a uma possibilidade de compreensões prévias dos feitos humanos com caráter geral, como se houvesse uma constância na natureza humana, cujas histórias eram instrumentos recorrentes e apropriados para comprovar não apenas o que havia acontecido, mas o que ia acontecer²⁴. Essa maneira de lidar e representar o tempo era intrínseca ao *topos* de Cícero – a *Historia magistra vitae* – que colecionava exemplos da história para que se instrísse e aprendesse por meio dela. Tinha função não apenas erudita, posto que escritos históricos circulavam apenas na camada letrada dessas sociedades, mas também pedagógica²⁵.

Mais especificamente no universo letrado da língua portuguesa, a situação não era diferente. No seu Dicionário de 1728, Raphael Bluteau afirma: “A história é a testemunha do tempo, a luz da verdade, a vida da memória, a mestra da vida, & mensageira da Antiguidade”²⁶. Essa

²⁴ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p.46.

²⁵ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p.41. Em relação à sua recorrência, François Hartog nos diz que “Les humanistes les ont élus [os clássicos] pour vis-à-vis et, plus largement, ils ont été investis d'un rôle d'opérateurs de premier plan, intellectuels, culturels, mais aussi politiques dans la longue durée de l'histoire européenne”. HARTOG, François. “Les classiques, les modernes et nous”. In. *Revista de História (USP)*. Edição especial, 2010, p.22.

²⁶ “História”. Raphael Bluteau. <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/1/hist%C3%B3ria>. Acessado em 16/10/2017. No caso das letras coloniais, João Adolfo Hansen afirma que a “História” é representada como finita, determinada

concepção temporal acerca da história é refletida na produção intelectual da historiografia acadêmica portuguesa e brasileira, mas também em outras produções literárias, como a poesia. Em *Caramuru*, Durão usa como exemplo de estudos históricos, mais especificamente, a *História da América Portuguesa*, de Sebastião da Rocha Pita, membro da Academia Brasileira dos Esquecidos. De acordo com Íris Kantor, as academias (coloniais e metropolitanas) possuíam diferenças ao criticarem fontes documentais e escreverem as histórias que tinham por objetivo em seus textos. Com o propósito mais amplo de contribuir para o conhecimento do Império português e suas partes constituintes, as produções coloniais e metropolitanas se diferenciavam em certos aspectos que incidem no uso que Santa Rita Durão faz delas e o papel que exercem em relação ao lugar que a história ocupa em seu poema épico. A autora nos diz que, entre as diferenças, estava não apenas o fato de que os historiadores brasileiros faziam “reverência aos textos antigos e à tradição bíblica como fundamento de suas concepções sobre a geografia e a história do continente americano”, mas também preferiam recuperar o “passado imemorial do continente americano até os tempos bíblicos, no intento de dignificar a experiência civilizacional americana”²⁷. Há uma sincronia de temporalidades entre o Novo Mundo e a Antiguidade que faz com que surja uma estratégia discursiva eclética em relação ao conhecimento produzido neste âmbito, englobando as partes americanas que compunham o Império português.

teologicamente como “tempo criado ou qualidade emanada, análoga e participada da infinitude divina”. HANSEN, João Adolfo. “Para uma história dos conceitos das letras coloniais luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII”. In. JÚNIOR, João Feres; JASMIN, Marcelo. *História dos Conceitos: diálogos transatlânticos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Loyola: IUPERJ, 2007, p.265.

²⁷ KANTOR, Íris. “Antigos e Modernos na historiografia acadêmica portuguesa e brasileira”. In. PIRES, Francisco Murari. *Antigos e Modernos: diálogos sobre a (escrita da) história*. São Paulo: Alameda, 2009, pp.454 e 466.

O verso XVIII do 1º canto de *Caramuru* é bastante elucidativo se o relacionarmos com o que fora dito acima. Nos diz Santa Rita Durão:

Que horror da humanidade! Ver tragada
Da própria espécie a carne já corrupta!
Quanto não deve a Europa abençoada
À Fé do Redentor, que humilde escuta?
Não era aquela infâmia praticada
Só dessa gente miseranda e bruta;
Roma e Cartago o sabe no noturno,
Horível sacrifício de Saturno²⁸.

Esse trecho nos mostra a relação feita por Durão entre os exemplos advindos da Antiguidade com a realidade encontrada na América pelos portugueses. Tendo como ideia central de seu poema mostrar a importância do Brasil para a manutenção do Império, a exaltação dos valores – e dos povos – americanos é, em *Caramuru*, digna de atenção: se o *antigo* Portugal renasce no Brasil *novo*, é fundamental que seus “povos” sejam valorizados para que o objetivo principal seja cumprido e o Brasil exerça o papel que lhe é destinado. O uso do referencial greco-romano, aliado à defesa da evangelização dos nativos, são armas que o autor usa para justificar a importância que esses povos tiveram, têm e

²⁸ *Caramuru*, verso XVIII, canto primeiro. DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*: Poema épico do descobrimento da Bahia. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.17. Nesse trecho, Durão puxa nota de rodapé de caráter explicativo e ao mesmo tempo demonstrativo: explica que os *antigos italianos* – isto é, os Romanos – também tiveram antropófagos, como as nações indígenas que se encontravam na América. Essas são, de acordo com o autor, “espécies vulgares” na história. Saturno era o deus romano do tempo, equivalente do grego Chronos. Ao afirmar ser um “Horível sacrifício de Saturno”, ao mesmo passo afirma ser um sacrifício do *tempo*. Também há em relação à Saturno o fato de ter presidido a saudosa Idade do Ouro. Naqueles tempos, seu filho, Júpiter, apossara-se do mundo e em seguida atirou Saturno às trevas, estabelecendo a Idade de Prata, que logo depois decairia para a de Bronze. Saturno constituía-se como deus dos extremos: “por um lado, era senhor da utopia, inventor da agricultura e da arte de construir cidades; por outro, era o mestre das sombras, destronado e solitário, exilado no ponto mais extremo da terra e do mar”, de acordo com Raymond Klibansky. Apud ALCIDES, Sérgio. *Estes Penhascos*: Cláudio Manoel da Costa e a paisagem das Minas, 1753-1773. São Paulo: Hucitec, 2003, p.155.

terão na manutenção do Império²⁹. A utilização dessa imagem do mundo Antigo destina-se, neste caso específico, a mostrar como pode a empresa colonial utilizar desse arsenal ameríndio para efetuar seus propósitos, já que essa *infâmia* não fora praticada apenas por essa gente *mísera e bruta*, mas também pelos antigos, fonte do “saber” e referência para a “arte do bem-dizer” para os letrados ocidentais desde o Renascimento.

Outro trecho que mostra um uso de referenciais do mundo Antigo são os versos XLVI e XLVII, do 6º canto. Neles, podemos constatar a importância do Brasil para Portugal de maneira nítida, ao acentuar, aqui, a dimensão global do Império português em face aos impérios do mundo antigo e suas rivalidades com outros Estados europeus coloniais:

Dous monarcas (responde o lusitano)
Já sabes que no ocaso e no oriente
Novos mundos buscaram pelo oceano,
Depois de haver domado a Líbia ardente:
E que onde não chegou grego, ou romano,
Passeia o forte hispano e a lusa gente,
Que instruídos na náutica com arte,
Descobriram do mundo outra grã parte.

E na sequência:

Do Tejo ao China o português impera,
De um pólo ao outro o castelhano voa,
E os dous extremos da redonda esfera
Dependem de Sevilha e de Lisboa:
Mas depois que Colon sinais trouxera
(Colon, de quem o mundo a fama voa)
Deste novo admirável continente,

²⁹ Outros exemplos de trechos da obra em que Santa Rita Durão une a referência ao mundo Antigo com os nativos podemos encontrar nas páginas 35, 54 e 63. DURÃO, Santa Rita. *Caramuru: Poema épico do descobrimento da Bahia*. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Discorda com Castela o luso ardente.³⁰

Notamos aqui, além dos referenciais elencados acima, um entrelaçamento temporal que sintetiza o que estamos abordando: a localização do poema de Durão dentro de seu contexto histórico; a dimensão do Império português em fins do século XVIII; e a competição entre os Estados modernos europeus que fizeram com que, para Portugal, fosse tão importante para sua manutenção como império a defesa do Brasil. O uso do referencial do mundo Antigo serve para elucidar as dimensões que atingiram Portugal e Espanha – os pioneiros na Expansão Ultramarina de fins do século XV – e que nem mesmo os poderosos gregos e romanos conseguiram alcançar. Contudo, como fazer com que se mantenha essa porção tão grande de terra, territorialmente disforme, mal articulada entre si, em um contexto histórico de mudanças cada vez mais aceleradas³¹?

É esta uma resposta que perpassou as mais brilhantes mentes portuguesas, com graus de diferenças e similitudes. Para Durão, contudo, a resposta se encontra no passado. Na história da colônia portuguesa na América, investidas de potências estrangeiras ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII não eram fenômenos raros. Invasões inglesas, francesas, holandesas e, é claro, castelhanas, eram sabidas por Santa Rita Durão,

³⁰ *Caramuru*, 6º canto, versos XLVI e XLVII. DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*: Poema épico do descobrimento da Bahia. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.194.

³¹ Ao longo da colonização portuguesa na América, as ameaças à manutenção de seu império foram constantes. Contudo, na segunda metade do século XVIII, até 1781, ano de publicação de *Caramuru*, os limites do império português na América foram redefinidos ao menos três vezes, nos Tratados de Limites (de Madrid, El Pardo e Santo Ildefonso, respectivamente nos anos de 1750, 1761 e 1777), com os espanhóis, e, no ano de 1776, o sistema colonial sofrera seu primeiro golpe, com a Independência das Treze Colônias britânicas na América do Norte.

que também leu obras de história produzidas nas Academias coloniais³², e viveu em período de intensas disputas com a Espanha em relação aos limites de seus impérios na América. A maneira de enfrentar as diferenças de sua época, de acordo com nossa interpretação, é aprender com os feitos supostamente heróicos dos portugueses no passado: não apenas em relação às potências estrangeiras, mas também em relação ao próprio processo colonizador na América.

É claro que isso só seria possível devido ao caráter pioneiro do expansionismo português no ultramar, recorrente para, inicialmente, colocar a primazia do Brasil no conjunto imperial. A “descoberta” da América pelos europeus, portanto, não é deixada de lado no poema. Exemplo disso encontramos no canto III: “Vós sabereis, se a História tenha dito,/ Que houve tempo em que o mundo quase inteiro,/ Sem sabermos uns dos outros se habitasse,/ E como nós erramos, tudo errasse”³³. A necessidade de reconstruir o passado – não apenas das lutas com outras potências, mas também o início do processo colonizador – é elencado para trazer a dimensão do Império e o caráter heróico de seu feito, que como vimos acima, fora compartilhado com Castela.

Com o desenvolvimento da colonização e a complexificação da sociedade na América portuguesa, crescendo sua importância para o comércio português – e europeu – devido às altas produções de açúcar de sua faixa litorânea, Portugal passa a ter de enfrentar a concorrência das potências atlânticas do Noroeste Europeu – notadamente França, Holanda e Inglaterra – não apenas no comércio mundial, mas também

³² POLITO, Ronald. “Introdução”. DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*: Poema épico do descobrimento da Bahia. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000, In. p.XXII.

³³ Canto III, Verso LIX. DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*: Poema épico do descobrimento da Bahia. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.105.

nas disputas por territórios coloniais na América e na Ásia. Com o período de União das Coroas Ibéricas (1580-1640), as possessões portuguesas no ultramar passam a ser visadas, principalmente por holandeses, e logo são alvos de investidas mais intensas: buscava-se não apenas controlar entrepostos comerciais e faixas relativamente pequenas, mas tomar de seu jugo largas faixas de terra visando incorporar a produção açucareira e, ao mesmo tempo, sua zona de obtenção de mão de obra escrava, Angola, e os entrepostos comerciais situados no continente asiático: a título de exemplo, o próprio Durão escreve que “Tem por nome Arrecife um forte posto,/ Que um istmo separou do continente,/ Donde o Castelo de S. Jorge oposto/ Defende o passo ao trânsito iminente”[...] ³⁴. O Atlântico Sul passa a ser espaço de disputas que para Portugal, ainda unido à Espanha, é uma luta por sobrevivência. Garantir as duas margens da vertente sul deste oceano é garantir a continuidade de Portugal como importante nação no sistema geral de colonização europeia moderna.

A invasão holandesa é, portanto, contada por Santa Rita Durão para glorificar a grandiosidade dos portugueses que, mesmo submetidos à autoridade castelhana, conseguem combater o “bêlgico leão”. Desde as primeiras investidas na Bahia (1624), onde se passa a narrativa, até a expulsão holandesa definitiva (1654), o episódio aparece como primordial não apenas para a manutenção da região pernambucana e bahiana para os portugueses, mas por esse período de invasão ser contemporâneo da ascensão da Dinastia de Bragança, que governará Portugal daí em diante. Dentre as demais investidas às possessões

³⁴ Grifo nosso. O “Castelo” acima citado é o Forte de São Jorge da Mina, fundado pelos portugueses ainda no século XV, que tinha importância para o tráfico negreiro no Atlântico. DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*: Poema épico do descobrimento da Bahia. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.269.

portuguesas na América, como é o caso dos ataques franceses na Baía de Guanabara, esse episódio da invasão holandesa em particular é muito significativo, devido aos fatores que elencamos acima: não apenas por investir contra as possessões americanas, mas também africanas e asiáticas do Império; ocorrer durante a União Ibérica (1580-1640), e onde a expulsão dos holandeses é primordial para a afirmação da presença portuguesa na vertente sul-atlântica, agora independente de Castela e buscando a afirmação de sua nova dinastia no sistema interestatal europeu; e, o que é digno de nota, por ser fruto de uma luta que uniu esforços americanos para recuperar as duas margens do Atlântico³⁵. Analisemos o verso XXXVII, do canto VIII:

Vi neste tempo em confusão pasmosa
A monarquia em Lísia dominante,
E a casa de Bragança gloriosa
Nos quatro impérios triunfar reinante:
A Bahia com popa majestosa
Festejar o monarca triunfante,
E o Pernambuco, de desgraças farto,
Invocar pai da pátria D. João Quarto³⁶.

Saído vitorioso do episódio, com a retomada da região que fora conquistada pelos “belgas injustos”, deve Portugal não apenas aos esforços de seus colonos, mas também ao “Padre Onipotente”, que “Tudo rege na Terra”³⁷. Recobradas para Portugal, estas terras são um triunfo que, de acordo com Santa Rita Durão, honra não apenas os “reis da terra”, mas também o rei Divino³⁸. Confiado o Brasil aos lusos, “Será,

³⁵ BOXER, Charles Ralph. *Salvador de Sá e a Luta por Brasil e Angola (1602-1686)*. São Paulo: Editora Nacional Brasileira, 1973.

³⁶ DURÃO, Santa Rita. *Caramuru: Poema épico do descobrimento da Bahia*. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.277.

³⁷ Verso LXXVI, canto IX. DURÃO, Santa Rita. *Caramuru: Poema épico do descobrimento da Bahia*. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.291.

³⁸ Uma característica presente em *Caramuru* e na literatura colonial de modo geral são as referências a elementos divinos. Hansen afirma que os conceitos representados nas

cumprindo os fins do alto destino,/ Instrumento talvez neste hemisfério/ De recobrar no mundo o antigo império”³⁹. Na sequência da narrativa do episódio da tomada e retomada pernambucana, Durão alude à sonhos que são indicativos de tempos prósperos para a Coroa portuguesa. Ressalta-se nessas visões de futuro a crescente prosperidade imanente ao destino do Brasil dentro do Império: “Vi no sonho mil casos diferentes,/ Que no curso virão de outras idades,/ Vi províncias notáveis e potentes,/ Vi nascer no Brasil áureas cidades”. Saído mais forte do impacto sofrido, reconquistadas suas possessões americanas e africanas, e diante da eminência reiterada do surgimento de “Famosos vice-reis e ilustres gentes”, o Brasil será “A colônia melhor que a Europa teve”⁴⁰.

Essas visões de futuro mostram um entrelaçamento temporal que é essencial para a compreensão não apenas do papel do Brasil dentro do conjunto imperial lusitano e da dimensão global do Império, mas, dentro de nossa interpretação, refletir o pensamento que se tinha acerca da importância do Brasil e de seu passado – isto é, sua História – no contexto de produção da obra, bem como a relação que o texto de Durão tem com a problemática dos tempos a que alude: passado, presente e futuro. Na época que Durão compõe *Caramuru*, como já afirmamos no início, não havia uma coesão e identidade por parte dos colonos acerca

produções literárias desse período são convergentes ou dedutíveis de um mesmo princípio de identidade, que é o conceito indeterminado de Deus. Nos seres e nos acontecimentos históricos, Deus é onipresente: ele é o termo comum que inclui toda a criação na semelhança e é Causa Primeira do tempo. A lei divina fundamenta o poder do Estado e também da linguagem, o que explica sua recorrência frequente. HANSEN, João Adolfo. “Para uma história dos conceitos das letras coloniais luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII”. In. JÚNIOR, João Feres; JASMIN, Marcelo. *História dos Conceitos: Diálogos transatlânticos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Loyola: IUPERJ, 2007, p.256.

³⁹ Verso LXXVII, canto IX, DURÃO, Santa Rita. *Caramuru: Poema épico do descobrimento da Bahia*. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.291.

⁴⁰ Verso XXIII, canto X. DURÃO, Santa Rita. *Caramuru: Poema épico do descobrimento da Bahia*. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.302.

da unidade em torno de um território unificado. Contudo, dentro do universo dos letrados luso-brasileiros, começa já na segunda metade do século XVIII a haver uma diferenciação maior entre a metrópole e suas colônias: embora a existência do Brasil-colônia como unidade fosse uma abstração, dentro da representação erudita a construção de uma ideia de passado para o Brasil passa a ter caráter unificador: por meio da reconstrução de sua história, a partir da perspectiva de seus contemporâneos, legitimava as reformas e o papel essencial que teria para o destino do Império⁴¹. Daí a alusão constante de Durão do processo colonizador luso-americano conjugado com a presença lusitana na Ásia e na África: além de refletir o tamanho e a grandeza de Portugal, reflete a diferenciação da colônia americana dentro do mundo lusitano que, como dito acima, é para o autor “A melhor que a Europa já teve”.

O futuro, a partir da reflexão que dentro da narrativa é feita no passado, evidencia a grandeza e as benfeitorias que essa colônia proverá – que no tempo de Durão, já havia provido – para Portugal. O verso LXV, do canto X, é prova disso:

Um rei, se não me engana oculto instinto,
Quando o Quarto remir as lusas quinas,
Depois do Sexto Afonso e Pedro extinto,
Abrirá no sertão famosas minas:
Fará de ouro Lisboa D. João Quinto,
Altas disposições do céu divinas!
Pois no tremos e incêndio, que ameaça,
Prepara este subsídio a grã desgraça.

E, logo na sequência, no verso LXVI:

Tempo virá que dama majestosa,
Por soberana a Lísia reconheça,
Época ilustre, insigne e venturosa,
Em que tenha uma santa por cabeça,

⁴¹ PIMENTA, João Paulo. “Pasado y futuro en la construcción de una 'Historia de Brasil' en el siglo XVIII”. *Processos: Revista Ecuatoriana de Historia*. Quito: 1º semestre de 2013, p.86.

Descerá sobre o reino a paz formosa,
E com a paz fará que a glória desça,
Atlantes tendo de seu régio Estado,
Quatro sábios e um ínclito prelado⁴².

Portanto, na narrativa que é desenvolvida no fim do século XVIII como se estivesse no início da colonização portuguesa, dentro de várias visões de futuro, como invasões francesas, holandesas e castelhanas, o processo de conquista de nações indígenas em outras partes americanas que serão incorporadas por Portugal, bem como descrições de episódios da colonização ao longo dos séculos, escolhemos o da invasão holandesa por mostrar não apenas as dimensões que o império atinge, mas também a importância do Brasil para a posição de Portugal no sistema colonial. O trecho acima relatado é uma visão do futuro feita em um passado, que no presente do poema já se passara também: o reflexo de um entrelaçamento temporal que traduz mudanças na forma como se passava a lidar com o tempo no fim do século XVIII no universo letrado português. O seguinte, reflete uma visão de futuro que é o próprio presente de Santa Rita Durão: após a ascensão de D. Maria I e a Viradeira, dar-se-á início a uma “época ilustre” onde haverá inclusive em seu régio Estado um “ínclito prelado”. Ora, é sabido que uma das medidas ocorridas após a Viradeira foi o retorno da influência eclesiástica na administração régia, que se encontrava ausente durante o reinado de D. José I (1750-1777).

O futuro para Santa Rita Durão apresenta um caráter aberto, como dissemos acima. Longe de significar o prenúncio de um Brasil com características nacionais, apresenta um Brasil que tem potenciais para se refazer constantemente e, de certa maneira, como evidencia pela

⁴² DURÃO, Santa Rita. *Caramuru: Poema épico do descobrimento da Bahia*. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000, pp.316-317.

atitude tomada no processo de colonização da América e de expulsão dos holandeses, ter um grau de autonomização sem que se separe de Portugal: essa perspectiva apresentada no poema está em relativa sintonia com o contexto reformista português⁴³. De acordo com João Paulo Pimenta, ao mesmo tempo em que era uma visão tradicional, era pautada por um paradigma positivo de uma condição que fora perdida no passado, e que neste futuro, em oposto, se encontra em aberto: podendo ser vislumbrado e cuja viabilidade de alcance não é mais impossível para seus elaboradores⁴⁴. O pensamento acerca do passado visava dar coesão ao corpo formado pelo Brasil, projetando no futuro um ideal que no presente está se formando. O entrelaçamento temporal visa recobrar o antigo império: seja com base no referencial do mundo antigo, ou no antigo Portugal que será apresentado no novo Brasil.

*

Em reflexão acerca do poema épico como gênero literário, Machado de Assis afirmou que a missão do poeta épico era “casar a lição antiga ao caráter do tempo”⁴⁵. Santa Rita Durão, em sua época específica, compôs o épico que lhe era possível: apresentar a ação supostamente heróica de Caramuru, filho do trovão, e os feitos igualmente heróicos que realizou no processo de colonização da Bahia. Através das visões de futuro por meio da obra e da maneira como o Brasil

⁴³ Afirmamos que essa sintonia é “relativa” posto que, como nos afirma Alfredo Bosi, há aspectos em Durão que também se encontram em compasso com o conservadorismo que “resistiu à maré iluminista”. BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 50ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2015, p.72.

⁴⁴ PIMENTA, João Paulo. “Pasado y futuro en la construcción de una 'Historia de Brasil' en el siglo XVIII”. *Processos: Revista Ecuatoriana de Historia*. Quito: 1º semestre de 2013, p.91-92.

⁴⁵ ASSIS, Machado de. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 5 jun. 1866, seção Semana Literária. In. ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, vol. III, p.862. *Apud* LIMA, Djalma Espedito. *A Épica de Cláudio Manoel da Costa: uma leitura do poema Vila Rica*. São Paulo: Dissertação de Mestrado (FFLCH-USP), 2007, p.7.

e seu lugar dentro do Império português tem centralidade, apresenta a visão de futuro que, como buscamos exemplificar, alude às mudanças ocorridas no universo letrado luso-brasileiro em fins do XVIII. O passado, por sua vez, tinha para o tempo presente grande importância. Inclusive, exercendo sua função de caráter pedagógico: ensinando como pensar o conjunto luso-americano como unidade⁴⁶ em um tempo marcado por mudanças⁴⁷.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCIDES, Sérgio. "Expectativa e metamorfose: saudade da Idade do Ouro na América portuguesa". In. JANCÓS, István; KANTOR, Íris. *Festa: Cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: EDUSP; Fapesp; Hucitec, 2001, pp.775-798.
- _____. *Estes Penhascos: Cláudio Manoel da Costa e a paisagem das Minas, 1753-1773*. São Paulo: Hucitec, 2003.
- ARAÚJO, Valdeci Lopes de; PIMENTA, João Paulo G. "História – Brasil". In. FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. *Diccionario Político y Social del Mundo Iberoamericano: La Era de las Revoluciones, 1750-1850*. Madrid: Fundación Carolina; Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales; Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009, pp.593-604.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 50ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BOXER, Charles Ralph. *Salvador de Sá e a Luta por Brasil e Angola (1602-1686)*. São Paulo : Editora Nacional Brasileira, 1973.
- HALBWACHS, Maurice. "La mémoire collective et le temps". *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Paris : Les Presses Universitaires de France, vol.101, 1996, pp. 45-65.
- HANSEN, João Adolfo. "Para uma história dos conceitos das letras coloniais luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII". In. JÚNIOR, João Feres; JASMIN, Marcelo. *História dos Conceitos: diálogos transatlânticos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Ed. Loyola: IUPERJ, 2007, pp.253-266.
- _____. "Autoria, obra e público na poesia colonial luso-brasileira atribuída a Gregório de Matos e Guerra". In. *Ellipsis. Journal of the American Portuguese Association*. Vol. 12, 2014, pp.91-117.
- HARTOG, François. "Les classiques, les modernes et nous". In. *Revista de História (USP)*. Edição especial, 2010, pp. 21-38.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial*. São Paulo: Editora Nova Perspectiva, 1959.

⁴⁶ PIMENTA, João Paulo. "Pasado y futuro en la construcción de una 'Historia de Brasil' en el siglo XVIII". *Processos: Revista Ecuatoriana de Historia*. Quito: 1º semestre de 2013, p.93.

⁴⁷ Mudanças cuja análise não é central diante do que propomos no artigo. Contudo, ressaltamos a afirmação feita pelo historiador István Jancsó sobre a segunda metade do século XVIII, período marcado pelas reformas no império lusitano, onde se buscava, ao mesmo tempo, acelerar algumas mudanças e frear outras, de acordo com os anseios da monarquia portuguesa. JANCÓS, István. *Na Bahia Contra o Império: História do ensaio de sedição de 1798*. São Paulo: HUCITEC; Salvador: EDUFBA, 1996, p.40.

- JANCSO, István. *Na Bahia Contra o Império: História do ensaio de sedição de 1798*. São Paulo: HUCITEC; Salvador: EDUFBA, 1996.
- KANTOR, Íris. "Antigos e Modernos na historiografia acadêmica portuguesa e brasileira". In: *Antigos e Modernos: diálogos sobre a (escrita da) história*. São Paulo: Alameda, 2009, pp.451-466.
- KOSSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.
- LIMA, Djalma Espedito. *A Épica de Cláudio Manoel da Costa: uma leitura do poema Vila Rica*. São Paulo: Dissertação de Mestrado (FFLCH-USP), 2007.
- Nitheroy*: Revista Brasiliense de Ciencias, Letras e Artes. Tomo Primeiro. Paris : Dauvin et Fontaine Libraires, 1836.
- NOVAIS, Fernando A. "O Brasil nos quadros do Antigo Sistema Colonial". In: *Aproximações: estudos de História e Historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, pp.45-60.
- PAMPLONA, Marco A. "Pátria-Brasil". In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier; LOMNÉ, Georges (org.). *Diccionario Político y Social del Mundo Iberoamericano - Iberconceptos II*. 1ª edição. Madrid: Universidad del País Vasco; Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2014, pp.51-71.
- PIMENTA, João Paulo. "Pasado y futuro en la construcción de una 'Historia de Brasil' en el siglo XVIII". *Processos: Revista Ecuatoriana de Historia*. Quito: 1º semestre de 2013, pp. 81-95.
- _____. "Literatura e condição colonial na América portuguesa (século XVIII)". In: FRAGOSO, João e GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *O Brasil Colonial – 1720-1821 (vol.3)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014, pp. 595-634.
- SLEMIAN, Andrea. "Portugal, o Brasil e os Brasis: a diversidade dos territórios e as disputas pela soberania na construção de um novo Império monárquico na América". In: *Claves, Revista de Historia*. Montevideo, diciembre 2015, pp.91-120.
- SOUZA, Antonio Candido de Mello e. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.
- VARNHAGEN, Franciso Adolfo de. "Tratado de 1777 e governo de Maria Primeira". In: *História Geral do Brasil*. Tomo 4º. São Paulo: Melhoramentos, 1956, pp.267-290.

FONTES

- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Portuguez & Latino, aulico, anatomico, architetonico* [...]. 1ª edição: Coimbra, 1728. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>.
- DURÃO, Santa Rita. *Caramuru: Poema épico do descobrimento da Bahia*. [1ª edição de 1781]. Introdução, organização e fixação de texto de Ronald Polito. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GONZAGA, Tomás Antonio. *Cartas Chilenas*. [1ª edição de 1863]. Belém: Unama, s/d.
- _____. *Marília de Dirceu*. [1ª edição de 1792]. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.